

Para economista, governo terá que promover mudanças

Rio — Administrar a economia sem choques não significa fazer uma política do tipo feijão-com-arroz. É certo que o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, já disse que manterá as bases da política econômica de Zélia Cardoso de Mello, mas os economistas estão apostando que, cedo ou tarde, a nova equipe terá que executar mudanças importantes. Mesmo que seja no estilo *soft* (sua-ve) de Marcílio. Os empresários são mais cautelosos: esperam que a nova equipe seja mais realista e criativa.

O economista Carlos Langoni, ex-diretor do Banco Central, diz não ter dúvidas de que a política econômica vai mudar. Para ele, aos poucos a nova equipe fará mudanças, com medidas que, “mesmo não parecendo revolucionárias, serão mais eficazes”. Ele espera, por exemplo, um avanço na questão da dívida.

Já Aloísio Teixeira, diretor do Instituto de Economia Industrial (IEI) da UFRJ, pensa exatamente o oposto em relação à dívida externa. Para ele, o novo ministro pode até conseguir recursos de organismos internacionais, que, entretanto, seriam usados para saldar parte da dívida:

“Ou seja, ele também não conseguirá resolver a questão da dívida. A intransigência dos banqueiros é muito grande”.

Sem choque

“A política econômica tem que

se ajustar às necessidades”, ressalta o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen. Para ele, existe um único paralelo entre o que mudou da administração de Dílson Funaro para a de Mailson da Nóbrega e o que pode mudar de Zélia Cardoso de Mello para Marcílio:

“Funaro fez um choque heterodoxo e Mailson não fez isso, no princípio. O governo Collor fez dois choques até aqui e o ministro Marcílio não está prevendo fazer choque algum”.

Para o presidente da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), Léo Wallace Cochrane Júnior, o fato de a nova equipe estar formada por pessoas de diferentes correntes já representa mudança importante:

“Isso provoca choque de idéias, o que acaba com as decisões em bloco”.

Maior realismo é o que o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abram Szajman, espera da equipe.